GRUPO DE PESQUISA NALDEIA: TEHEANDO O PESQUISAR POR E COM INDÍGENAS

MARCOS JOSÉ DE AQUINO PEREIRA[1]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0000-0003-2753-1656

ANACLEIDE ASSUNÇÃO COSTA AGUIAR DESSANO[2]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0008-4533-6567

ANA PAULA ALVES DA SILVA WASSU-COCAL[3]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0004-5808-1269

FAGNER SANTOS DE OLIVEIRA PANKARARU[4]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0002-1971-7194

FRANCINALDA MARIA RODRIGUES DA ROCHA[5]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0001-8234-0556

IVANILDO DA SILVA FERREIRA BANIWA[6]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0000-0002-7171-7776

JOCIMARA BRAZ DE ARAÚJO PATAXÓ[7]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0006-7621-8040

---

[1] Doutor em Educação (UFSCar) e pesquisador do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA)
[2] Mestranda em Educação (UFSCar), graduada em Pedagogia (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA, participante do Centro de Culturas Indígenas da UFSCar (CCI)
[3] Mestranda em Gestão da Clínica (UFSCar), graduada em Fisioterapia (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA e participante do PET Conexões e Saberes Indígenas e do CCI
[4] Graduando em Gestão e Análise Ambiental (UFSCar), pesquisador do NALDEIA e participante do CCI
[5] Doutoranda em Educação (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA e Educadora Popular
[6] Mestrando em Gestão da Clínica (UFSCar), Graduado em Fisioterapia (UFSCar), pesquisador do NALDEIA, participante do PET Indígena Ações em Saúde e do CCI
[7] Mestranda em Ciência da Informação (UFSCar), graduada em Ciência da Informação e Biblioteconomia (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA e participante do CCI

AQUINO PEREIRA, Marcos José de; DESSANO, Anacleide Assunção Costa Aguiar; WASSU-COCAL, Ana Paula Alves da Silva; PANKARARU, Fagner Santos de Oliveira. ROCHA, Francinalda Maria Rodrigues da; BANIWA, Ivanildo da Silva Ferreira; PATAXÓ, Jocimara Braz de Araújo; ATIKUM, Josineide Jacida da Silva; BANIWA, Maria Auxiliadora Francisco Brazão; OLIVEIRA, Murilo Santos; TUKANO, Tyfany Maia de Oliveira. Grupo de pesquisa NALDEIA: teheando o pesquisar por e com indígenas. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 136-181, mai./ago. 2024.

JOSINEIDE JACIDA DA SILVA ATIKUM[8]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0000-4367-3967

MARIA AUXILIADORA FRANCISCO BRAZÃO BANIWA[9]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0001-3485-3269

MURILO SANTOS OLIVEIRA[10]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0001-7632-4349

TYFANY MAIA DE OLIVEIRA TUKANO[11]
UFSCar, BRASIL
https://orcid.org/0009-0002-8323-9262

RESUMO: *Este artigo é fruto das reflexões, debates e estudos realizados pelo grupo de pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA), sediado na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), formado por pesquisadores(as) indígenas, com a participação de não indígenas, e tem como objetivo apresentar suas ações, metodologias e significados para seus (suas) participantes coautores(as) deste texto. Fiéis a nossa proposta de decolonização, utilizamos em nossa escrita coletiva a metodologia indígena Tehêy, do povo Pataxó, valorizando a oralidade, a memória e o desenho como formas ancestrais de construção, registro e transmissão de conhecimentos originários. Percebemos o acolhimento, o diálogo, a troca e a diversidade como elementos que se destacam na pesquisa por e com indígenas, presentes no NALDEIA e que entendemos apontar caminhos metodológicos para esse campo.*

PALAVRAS-CHAVE: *Pesquisadores(as) indígenas. Tehêy. Grupo de pesquisa indígena.*

---

[8] Graduada em Educação Especial (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA, participante do PET Indígena Ações em Saúde e do CCI

[9] Graduanda em Letras - Espanhol (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA, participante do PET Conexões e Saberes Indígenas e do CCI

[10] Graduando em Educação Física (UFSCar), pesquisador do NALDEIA, participante do Núcleo de Estudos de Fenomenologia em Educação Física (NEFEF)

[11] Graduanda em Psicologia (UFSCar), pesquisadora do NALDEIA, participante do PET Indígena Ações em Saúde e integrante da coordenação do CCI

ABSTRACT: *This article is the result of reflections, debates and studies carried out by the research group Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA), based at the Federal University of São Carlos (UFSCar), formed by indigenous researchers, with the participation of non-indigenous people and aims to present their actions, methodologies and meanings to their participants, co-authors of this text. Faithful to our decolonization proposal, we use the indigenous Tehêy methodology, from the Pataxó people, in our collective writing, valuing orality, memory and drawing as ancestral forms of construction, recording and transmission of original knowledge. We perceive welcoming, dialogue, exchange and diversity as elements that stand out in research by and with indigenous people, present in NALDEIA and which we understand to point out methodological paths for this field.*

KEYWORDS: *Indigenous researchers. Tehey. Indigenous research group.*

Introdução

"Nada sobre nós, sem nós" tem sido uma máxima repetida pelos movimentos indígenas e por suas lideranças nos últimos anos, reafirmando o processo de ruptura com séculos de invisibilização, subalternização e heteronomia em relação aos povos originários de Abiayala. Marca a interpelação e a resistência à dominação através da retomada do protagonismo e da representatividade indígenas em diversos âmbitos, como o político, o artístico, o literário e o acadêmico, entre outros.

No âmbito acadêmico, estamos presenciando transformações efetivas nas últimas décadas, com o ingresso, permanência e diplomação de indígenas nas universidades, fenômeno esse impulsionado e mantido pelas políticas de Ações Afirmativas e fruto da vontade e persistência desses(as) estudantes que, enfrentando dificuldades, discriminações e entraves, têm se inserido como vozes da presença indígena, assumindo a condição de pesquisadores(as), autores(as) e professores(as), promovendo o diálogo de suas culturas, de seus conhecimentos e de suas ciências tradicionais com a ciência ocidental, transpondo a barreira do pensamento da Colonialidade-Modernidade, que os colocavam do lado dos objetos de estudo, afirmando-se não apenas como sujeitos, mas indo além e pelas epistemologias milenares de seus povos, questionando a própria dicotomização entre sujeito e objeto.

Se a presença de pesquisadores(as) indígenas estudando, registrando e difundindo temáticas indígenas no meio acadêmico, a valorização e revisibilização desses conhecimentos ancestrais e a utilização de referenciais teóricos que incluam autores(as) indígenas são elementos fundamentais nesse processo, um ponto central para essa ruptura é o desenvolvimento e uso de metodologias indígenas para a pesquisa por e com indígenas (SMITH, 2018).

Neste texto, trazemos nossas experiências sobre essa realidade, fruto dos debates, reflexões e estudos, realizados de forma intercultural (BANIWA, 2006; 2019) no Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA), na Universidade Federal de São Carlos, em São Paulo, no qual pesquisadores indígenas em diálogo com não indígenas buscam nos conhecimentos e práticas tradicionais de seus povos, outras formas de pensar e de fazer pesquisa, a partir de Abiayala, tendo como base a ancestralidade, a oralidade, a observação dos fenômenos do mundo, a aprendizagem com os(as) mais velhos, como os sonhos e com seres não humanos, a arte como escrita e a relação harmônica com os demais seres vivos e com a Mãe Terra.

Coerentes a essa visão, a escrita deste artigo se deu de forma a interpelar alguns padrões da escrita acadêmica, sem renunciar ao rigor científico, que perpassa as ciências indígenas e não indígenas, aprendendo

com a Natureza que “ensina a olharmos as coisas como elas são e não como gostaríamos que fossem” (MUNDURUKU, 2019, p. 36). Tivemos como objetivo apresentar o grupo de pesquisa, como vem se constituindo numa perspectiva intercultural, interepistemológica e intercientífica, utilizando a metodologia indígena do Tehêy, afirmando assim a presença protagonista de pesquisadores(as) indígenas nestes espaços, em diálogo e parceria com pesquisadores(as) não indígenas, que se autoapresentarão e às suas vivências, através de seus relatos aqui registrados.

Dessa forma, o texto é uma construção coletiva de 12 coautores(as), sendo nove indígenas, pertencentes a nove povos diferentes e três não indígenas, dentre os quais uma mulher negra, todos(as) participantes do NALDEIA, que colaboraram livremente, conforme a sua vontade e possibilidade, nas diversas etapas e partes da escrita. Utilizamos a metodologia indígena educativa do Tehêy, criada por Dona Liça Pataxoop e usada na escola indígena Muã Mimatxi, tendo como base a pesca ancestral do povo Pataxó, por nós estudada e aplicada como metodologia de pesquisa.

Também fiéis à oralidade como forma tradicional de construção e transmissão do conhecimento (KAMBEBA, 2017), valorizando as memórias e as vivências, apresentamos nossas visões e experiências sobre o grupo de pesquisa, através de nossas vozes aqui registradas em modo narrativo, buscando superar a fragmentação estranha às epistemologias indígenas entre depoentes e autores(as), sujeitos e objetos, fenômenos e causas, corpo e espírito, ser humano e natureza, de forma que afirmemos, assim como Ailton Krenak (2019, p. 10): “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.”

Em nosso texto, apresentamos uma breve reflexão sobre a resistência epistemológica indígena ante as contradições do campo da pesquisa científica que culmina com a assunção de pesquisadores(as) indígenas do papel de protagonistas. Mostramos um panorama da presença indígena na UFSCar, através do coletivo dos estudantes indígenas, Centro de Culturas Indígenas (CCI), do qual o NALDEIA surgiu, em atendimento às suas demandas e necessidades, como parte do projeto “Aldear a Pós da UFSCar” e registramos alguns pontos sobre a história, os objetivos e as metodologia do nosso grupo de pesquisa. Também abordamos os aspectos metodológicos da pesquisa por e com indígenas, em especial sobre a metodologia indígena Tehêy. Por fim expressamos as nossas vivências sobre o NALDEIA através de manifestações narrativas de nossas visões e memórias, em depoimentos pessoais de cada autor(a).

Diante dos desafios que o Antropoceno (CRUTZEN, 2006) tem apresentado de forma cada vez mais perceptível, como temos visto e sentido através das consequências da crise climática que ameaçam a sustentabilidade da vida terrestre, torna-se urgente que se olhe para os povos originários, que vivem milenarmente outras formas de relação com os

demais seres vivos e com o planeta, sob perspectivas do Bem-Viver (MACAS, 2010; CHOQUEHUANCA, 2010; KAMBEBA, 2020; KRENAK, 2020) de forma que as suas vozes sejam ouvidas, os seus conhecimentos, suas práticas e suas metodologias reconhecidas e os(as) sábios(as) das florestas ensinem os caminhos da ancestralidade para garantir que exista um futuro.

Entre genocídios, epistemicídios e etnocídios a resistência epistemológica dos povos indígenas

Uma resistência que se estende há mais de 500 anos com as estratégias de enfrentamento à invasão, conquista e colonização, ante inúmeros genocídios, acompanhados por etnocídios e epistemicídios, promovidos através de diversas formas de violência, perpetuadas pela permanência da Colonialidade e de seu princípio base que é o racismo.

Estima-se que aproximadamente 57,3 milhões de indígenas (sendo 47 milhões nos territórios hoje denominados como países latino-americanos) habitavam Abiayala quando da invasão europeia, restando apenas 10% em 130 anos de massacres, escravizações e doenças causadas pelos invasores (DENAVAN, 1976; CEPAL, 2015).

Atualmente, após séculos de luta e resistência, cerca de 800 povos indígenas, totalizando 58,2 milhões de pessoas, habitam o território chamado América Latina e Caribe, muitos dos quais enfrentando diferentes situações de vulnerabilidade e conflito. Em um estudo realizado em 2020 pela CEPAL, foram identificados 1.223 conflitos em 13 países da chamada América Latina relacionados aos direitos territoriais de povos indígenas. Segundo esse estudo, 43,5 % foram ligados à mineração e 18,8% vinculados a projetos energéticos, são invasões e ações violentas associadas às indústrias extrativas, a mineração, hidrocarbonetos, produção de energia e os monocultivos (CEPAL, FILAC, 2020). Além disso, entre 2015 e 2019, 232 lideranças indígenas foram assassinadas, em defesa de seus territórios e de suas comunidades.

Ademais, estruturas persistentes da época colonial ainda impactam na organização e relações sociais, exigindo que as estratégias de luta e resistência dos povos originários se mantenham e se atualizem:

> Os séculos de colonialismo e escravismo, compreendendo índios, mestiços, negros, mulatos e brancos originários de diferentes nacionalidades, produziram as linhas de casta. Além das desigualdades e hierarquias sociais, econômicas e políticas, desenvolveram-se as diversidades culturais, compreendendo língua, religião, família, padrões e valores culturais, modalidades de consciência, visões do mundo. O escravismo e o colonialismo não subordinaram tudo. A

> estrutura de castas não dissolveu nem a originalidade nem a força das culturas e modos de vida de quechuas, aymaras, guaranis, maias, astecas, caribes e outras Nações indígenas. O mesmo se pode dizer dos membros de Nações africanas transportados para o Novo Mundo como escravos (IANNI, 1988, p. 13).

Essa luta indígena pela vida, terra e preservação de suas culturas assumiu a forma de movimento organizado a partir da década de 1970, com a mobilização de diversas lideranças em torno do movimento indígena brasileiro (BANIWA, 2006; MUNDURUKU, 2012), atuando politicamente durante a Assembleia Constituinte, garantindo a inclusão de direitos indígenas na Constituição de 1988 (KRENAK, 2015).

Entre os direitos conquistados, como o da autodeterminação, da cidadania plena e os relacionados à educação diferenciada, abriram novas perspectivas e demandas, que levaram a novas lutas e conquistas em vários âmbitos, dos quais o ingresso e a permanência de indígenas nas universidades é um deles.

A chegada de indígenas nas universidades se intensifica com as políticas de Ações Afirmativas, a partir do final da década de 2000, após intensa mobilização dos movimentos indígenas, em especial de professores(as), como na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (I CONEEI), em 2009, com a recomendação ao MEC e ao CNE, da implementação de políticas para acesso e permanência de indígenas nas instituições de ensino superior, após o que foram criadas e implementadas políticas públicas como a promulgação da Lei Federal 12.711/2012 (BRASIL, 2012), garantindo a reserva de 50% de vagas nas Instituições Federais de Ensino Superior para grupos específicos, incluindo indígenas.

Desde então, a presença indígena na universidade, em termos numéricos, tem avançado. Entre 2011 e 2021, apresentou um aumento de 374% nas matrículas de indígenas, com 46.252 em 2021 contra 7.256 em 2011, constituindo 0,5% da totalidade de universitários(as) e representando 3,3% dos(as) que se declararam como indígenas no Censo Demográfico de 2022 (SEMESP, 2023; IBGE, 2022; INEP, 2012; 2022).

Esse crescimento da presença indígena na universidade, contudo, apresenta ainda muitas ausências, como nos programas de pós-graduação com reduzido número de indígenas, nos currículos dos cursos que não abordam temáticas e autores(as) indígenas, na falta de espaços para estudo e diálogo intercultural sobre conhecimentos indígenas nas aulas, no uso de didáticas, avaliações e metodologias estranhas aos(às) estudantes indígenas, nas dificuldades e entraves à sua inclusão no ambiente universitário, em toda gama de preconceito, racismo, invisibilização que os(as) indígenas enfrentam cotidianamente nos *campi* universitários (AQUINO PEREIRA *et al*, 2022).

Mesmo assim, em mais uma atualização das lutas históricas de seus povos, os(as) indígenas têm se organizado em coletivos e se mobilizado para garantir a sua presença na universidade e atuado para conquistar novos espaços, como o âmbito da pesquisa acadêmica, com produções de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e teses de doutorado, publicação de artigos científicos, apresentações em eventos acadêmicos nacionais e internacionais, assumindo o papel de pesquisadores(as) indígenas (AQUINO PEREIRA; DESSANO; PATAXÓ; PANKARARU; BANIWA; ATIKUM, 2024 - no prelo).

O campo da pesquisa científica é um dos mais carregados de significados traumáticos para os povos que passaram pela colonização, segundo a pesquisadora maori, Linda Tuhiwai Smith (2018). Ela reflete que a "forma como a pesquisa científica esteve implicada nos piores excessos do colonialismo mantém-se como uma história lembrada por muitos povos colonizados em todo o mundo (2018, p. 11), memórias essas de subalternização, desrespeito e roubo de conhecimentos ancestrais e menosprezo e invisibilização dos povos e intelectuais indígenas que os produziram, sendo muitas vezes usada no passado e ainda empregadas no presente para:

> Negar a legitimidade das reivindicações dos povos indígenas pelo direito à existência, à terra e aos territórios, pelo direito de autodeterminação, pela sobrevivência de nossas línguas e formas de conhecimento cultural, pelos nossos recursos naturais e pelos sistemas que adotamos para viver em nossos ambientes (SMITH, 2018, p. 11).

Essa forma eurocêntrica de fazer pesquisa atrelada à Colonialidade e à Modernidade, também se mostra perigosa quando utilizada supostamente em prol dos povos indígenas pesquisados, pois são usadas para a criação e implementação de políticas governamentais voltadas a essas populações, estando muitas vezes descoladas totalmente de sua realidade, vontade, demandas e necessidades (SMITH, 2018).

O enfrentamento a esse quadro se dá, exatamente, quando indígenas se lançam ao campo da pesquisa, entendendo que a "escrita indígena é a afirmação da oralidade" (MUNDURUKU, 2008, s.p.) e assim como reflete a escritora indígena Graça Graúna (2006, p. 119), "ao escrever,/dou conta da minha ancestralidade;/do caminho de volta,/do meu lugar no mundo", reivindicando que ouçam suas vozes e de suas comunidades no âmbito acadêmico e científico, o que tem acontecido, de maneira que:

> Um número cada vez maior de acadêmicos e pesquisadores indígenas começam a tratar de questões sociais no âmbito de um quadro mais amplo de autodeterminação, descolonização e justiça social. Essa crescente comunidade

> internacional de acadêmicos e pesquisadores estuda de modo mais amplo as convenções, as abordagens metodológicas e de pesquisa indígenas (SMITH, 2018, p. 15).

Diante disso, percebemos que essa resistência, assumindo a função de resistência epistemológica, se dá na interligação entre as lutas históricas indígenas, o ingresso de indígenas nas universidades e a sua organização em coletivos, a inserção em espaços científicos como pesquisadores(as) e a retomada do protagonismo como intelectuais indígenas, através da investigação, estudo, reflexão e publicação de suas vozes e das de seus povos, no ambiente acadêmico, propondo outras formas de pensar e fazer pesquisa, com o uso de metodologias ancestrais, abordagens diversas da relação humana com os demais seres vivos e com o planeta, fundamentadas em epistemologias não dicotômicas e não fragmentadoras da realidade, sob perspectivas biocêntricas e cosmopolíticas (CADENA, 2019; SMITH, 2018; STENGERS, 2010, VIVEIROS DE CASTRO, 1996), considerando as "constelações de gente espalhada pela Terra com diferentes memórias de existência" (KRENAK, 2020, p. 31), sob uma lógica:

> Onde todos somos parte da natureza e não há nada separado, onde o vento, as estrelas, as plantas, a pedra, o orvalho, os morros, os pássaros, o puma, são nossos irmãos, onde a terra mesma é a própria vida e o lar de todos os seres vivos (CHOQUEHUANCA, 2010, p. 10).

O coletivo Centro de Culturas Indígenas e o grupo de pesquisa NALDEIA como forças de indiagem e aldeamento da UFSCar

Em 2008, tem início a vinda de estudantes indígenas para UFSCar, com a realização do primeiro Vestibular Indígena, ocorrendo em 2013, a criação do coletivo indígena Centro de Culturas Indígenas (CCI), fruto da articulação, mobilização e luta de seus (suas) primeiros(as) membros(as) com a conquista de uma sala para se reunirem e a realização de diversos eventos, dentre os quais o I Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), que atualmente está em sua 11ª edição (JODAS, 2019) e a Semana dos Estudantes Indígenas (SEI) com oito edições realizadas. O coletivo indígena tem diversos papéis e funções para os(as) estudantes indígenas, para a universidade e para a comunidade como o apoio em sua permanência e a luta por direitos.

O Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA) surgiu em 26 junho de 2023, em atendimento às demandas e às necessidades apresentadas por estudantes indígenas do CCI nas rodas de conversa da pesquisa de doutorado do PPGE/UFSCar, especialmente aquelas relacionadas ao seu interesse em ingressar na

pós-graduação, tornando-se pesquisadores(as), ao estudo de obras de autores(as) indígenas e à produção de pesquisas acadêmicas sobre temáticas indígenas.

Assim, o grupo de pesquisa NALDEIA, juntamente com o projeto "Aldear a Pós da UFSCar", torna-se uma iniciativa dos(as) próprios(as) estudantes indígenas, com a proposta de ser um espaço para o estudo, a reflexão, o debate e a divulgação no meio acadêmico sobre conhecimentos indígenas, apoiando a formação de pesquisadores(as) indígenas, possuindo as seguintes linhas de pesquisa:

> Estudos de Indiagem: Estudo dos processos de afirmação e reafirmação das identidades indígenas e do sentimento de pertencimento às comunidades indígenas. Fortalecimento dos princípios do bem-viver, da ecologia de saberes, da decolonialidade e das ações afirmativas.
> Práticas Sociais Indígenas e Processos Educativos: Pesquisas em práticas sociais indígenas de: combate ao racismo, educação e política ambiental, educação indígena diferenciada. Identificação e compreensão de processos educativos próprios destas práticas, do educar e educar-se constituindo os/as pesquisadores/as e participantes das pesquisas em comunidade de trabalho.
>
> Motricidades Indígenas: Estudos das Motricidades Indígenas: jogos, lutas, danças, festas, cantos, histórias, rituais e criações artísticas com características próprias de povos/comunidades indígenas, que envolvem tradição, resistência, manutenção ou transformação de tais manifestações. A diversidade de experiências dessas práticas configura-se de forma particular tanto na sua execução como na sua intencionalidade no processo cotidiano de viver-a-vida, em perspectiva decolonial.
>
> Bem-Viver Interespécie: Refletir, debater, pesquisar o Bem-Viver Interespécies, entendendo-o como anúncio de uma ética de solidariedade, empatia e alteridade entre Seres-Humanos e Seres-Animais. Para tal, concebemos a possibilidade da interconexão conceitual entre Bem-Viver (uma epistemologia do sul por excelência de povos indígenas latino-americanos) e os Estudos Críticos Animais. Pauta-se também nos estudos decoloniais e reconhecemos a pluralidade conceitual e política no campo de ativismo relacionado à causa animal (CNPQ, 2024, s.p.).

As reuniões acontecem na última segunda-feira de cada mês, das 18h às 20h, preferencialmente de forma presencial, no campus da UFSCar, com a

possibilidade de alguns encontros remotos ou híbridos, de acordo com as circunstâncias. Entre junho de 2023 e maio de 2024, foram realizados 12 encontros (nove presenciais, 1 remoto e 2 híbridos), contando com 12 apresentações e 13 textos estudados e debatidos (Vide tabela 1) e a presença de indígenas de 22 povos, segundo registros das listas de presença mensais.

Tabela 1 - Temas apresentados e textos estudados nos encontros do NALDEIA (junho/2023 a maio/2024)

Mês/ano	Tema da Apresentação/Pesquisador(a)/s(es)	Texto de estudo/ Autor(a)/ Ano
Junho/2023	Motricidades Indígenas/ Ana Paula Wassú-Cocal, Ivanildo Baniwa e Marcos Aquino	"Motricidades Indígenas: Danzas, juegos y rituales tradicionales" – artigo – (AQUINO PEREIRA; PATAXÓ; WASSÚ-COCAL; BANIWA, 2023).
Julho/2023	Línguas Indígenas como resistência/ Jonas Barbosa Yebá Mashã	"Relatos do ensino na Escola Indígena Tuyuca: língua, memória, resistência" – artigo – (YEBA MASHÃ; NOGUEIRA, 2023).
Agosto/2023	Tibira – documentário sobre estudantes indígenas da comunidade LGBTQIAP+/ Otacílio Bolhosa da Costa Baré	"Ideias para adiar o fim do mundo" – Capítulo 1 - (KRENAK, 2019).
Setembro/2023	Indígenas com deficiência no ensino superior/ Josineide Jacilda da Silva Silva Atikum	"Corações na aldeia, pés no mundo" (TABAJARA, 2018).
Outubro/2023	Violência psicológica intrafamiliar/ Francisca Garcia Samias Kokama	"A queda do céu" – trechos selecionados – (KOPENAWA; ALBERT, 2015).
Novembro/2023	Música como instrumento de aprendizagem e valorização da língua nheengatu/ Sebastião Quintino Álvares Wanano	"GAAPI - Elemento fundamental de acesso aos conhecimentos sobre esse mundo e outros mundos" – dissertação – (DIAKARA, 2018).
Dezembro/2023	Decolonialismo indígena/debate com mediação de Marcos Aquino	"Decolonialismo indígena" (GONZAGA KAIOWÁ, 2022).
Janeiro/2024	Percepção de estudantes da saúde acerca do papel da espiritualidade no pós COVID 19/ Ivanildo da Silva Ferreira Baniwa	"Posso ser quem você é, sem deixar de ser o que eu sou: a gênese do Movimento Indígena brasileiro" – capítulo – (BANIWA, 2006).
Fevereiro/2024	Prática pedagógica em saúde no contexto escolar indígena/ Claudiana Brazão Lopes Baré	"Descolonizando Metodologias" (TUHIWAI SMITH, 2018).

Março/2024	Metodologia indígena Tehêy/ Uara Pataxó, Marcos Aquino e Josineide (Vanessa) Atikum	“O saber matemático nas vivências cotidianas da aldeia Muã Mimatxi” – TCC – (TXAHÁ PATAXOOP, 2018) e "Tehêy de pescaria de conhecimento"– TCC – (WERYMEHE PATAXOOP, 2019).
Abril/2024	PET Indígena Ações em Saúde/diversos(as) pesquisadores(as) do PET	"Indígenas no Programa Educação Tutorial Ações em Saúde em uma universidade brasileira" (GOMES TUKANO et al, 2024).
Maio/2024	PET Conexões e Saberes Indígenas/ diversos(as) pesquisadores(as) do PET	"Ayahuasca e outras plantas medicinais relatos do uso por estudantes de diferentes povos indígenas do Brasil" (CARVALHO KANHGAG et al, 2024).

Fonte: Elaborado pelos(as) autores(as)

As metodologias utilizadas se relacionam diretamente com as práticas indígenas vivenciadas pelos(as) pesquisadores(as) indígenas em suas comunidades e escolas, sendo trazidas para serem experienciadas pelo grupo, com ênfase na oralidade e no respeito às diferenças. Assim, temos a fala de quem conhece o assunto tratado e a escuta atenta pelos demais, com a promoção do diálogo que inclui a apresentação de visões e experiências pessoais relacionadas aos demais povos originários, já que participam indígenas de diversos povos e regiões e também não indígenas, sendo forte o sentimento de compartilhar e trocar esses conhecimentos e práticas ancestrais.

Em cada encontro ocorre a apresentação de um(a) pesquisador(a) indígena ou de um grupo de pesquisadores(as), nesse caso indígenas e/ou não indígenas, sobre alguma pesquisa em andamento ou concluída. Também é feito o estudo de um texto de autor(a) indígena ou não indígena, mas com temática indígena, escolhido e indicado previamente. Há espaço para perguntas e debates, cantos, danças e projeção de audiovisuais, sempre relacionados às temáticas abordadas pelo grupo. Ao final, é feito um momento de convivência ao redor da mesa com o compartilhamento de alimentos trazidos pelos(as) participantes.

A metodologia indígena do Tehêy tem sido estudada e utilizada pelo NALDEIA, além do incentivo à pesquisa por seus(as) participantes de outras metodologias utilizadas em suas comunidades e escolas indígenas, para que sejam trazidos para o meio acadêmico e utilizadas em um processo de decolonização metodológica e científica.

Metodologia do Tehêy

Tehêy é uma metodologia de ensino utilizada na escola indígena Muã Mimatxi, inspirada na prática ancestral de pesca do povo Pataxó (BRAZ PATAXOOP, 2019), usada por mulheres e crianças, consistindo no uso de uma pequena rede, com a qual se teheya o rio e depois sentam-se ao redor dela e escolhem e separam os peixes mais adequados. Dona Liça Pataxoop, educadora e liderança da comunidade, teve um "sonho acordada", no qual Yãmixoop, divindade Pataxó, lhe deu a inspiração de usar o Tehêy para ensinar (PATAXOOP, 2022) criando essa metodologia, agora transformada em pescaria de conhecimentos, selecionando os conhecimentos, valores e elementos culturais do povo Pataxó que se quer ensinar, teheando-os e desenhando para, através desses desenhos-narrativas (BRAZ PATAXOOP, 2018), contar histórias às crianças, que também acrescentam os seus conhecimentos, as suas experiências e de suas famílias, produzindo novos tehêys[12].

Assim, "os tehêys de pescaria pegam vários tipos de peixe, e os Tehêys de pescaria de conhecimento são as imagens que cada conhecimento possui, e cada imagem é diferente uma da outra" (BRAZ PATAXOOP, 2019, p. 9), de forma que "o Tehêy liga as várias histórias da vida, ele liga um conhecimento a outro conhecimento, liga um valor a outro valor, liga um tempo a outro tempo, liga uma geração a outra geração, o Tehêy ele é importante porque ele não deixa morrer a cultura e os conhecimentos ancestrais" (BRAZ PATAXOOP, 2019, p. 9).

As aprendizagens se ligam às visões e modos de vida indígenas, em que os desenhos "contam histórias em cada imagem. As crianças aprendem a ler com as imagens e conhecer os valores da vida e da natureza que fazem parte e fortalecem a nossa cultura, o nosso território, a nossa saúde e a vida do nosso povo de Muã Mimatxi (BRAZ PATAXOOP, 2018, p. 7).

Ao trazermos essa metodologia educativa indígena para a universidade, sob a orientação de Dona Liça Pataxoop, adaptada e utilizada como metodologia de pesquisa, buscamos avançar na decolonização do nosso pesquisar. Primeiro, a utilizamos no doutorado intercultural envolvendo um pesquisador não indígena e 15 estudantes/pesquisadores(as) indígenas de nove povos diferentes, incluindo o povo Pataxó, dos quais dois são coautores deste texto. Depois, uma estudante indígena do povo Atikum, também coautora, no curso de Educação Especial, utilizou o Tehêy como metodologia em seu TCC. Em seguida, passamos a estudá-lo e utilizá-lo no NALDEIA, com seu uso na produção de artigos, como este. O Tehêy também tem sido usado em aulas da Pós-Graduação em Educação da UFSCar e está

[12] Para facilitar a compreensão, ao nos referimos ao Tehêy como metodologia, usamos a inicial em maiúscula, diferenciando do tehêy como desenho, que é o produto da metodologia, para o que usamos a inicial em letra minúscula.

prevista para o mês de junho deste ano uma oficina de Tehêy com os(as) educadores(as) da Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar, visando o seu uso pedagógico junto às crianças indígenas e não indígenas atendidas na unidade.

Resultado de nossas experiências e adequações, a forma base que utilizamos a metodologia do Tehêy na pesquisa segue a seguinte organização, com liberdade para alterações, sem, contudo, descaracterizar o que tem de essencial, ser uma pescaria de conhecimentos através de um desenho-narrativa, de caráter educativo, coletivo, solidário e dialógico, fundamentado na estética, ancestralidade e espiritualidade do povo Pataxó:

> 1) Definir o tema;
> 2) Fazer uma pesquisa sobre essa temática, usando os próprios conhecimentos, o diálogo com pessoas que saibam sobre o assunto, uso de materiais bibliográficos e tecnologias de informação, pesquisa de campo, entre outras possibilidades de acordo com os objetivos e a realidade;
> 3) Definição do que entrará no *tehêy*, o que será desenhado e por quem e em que parte da folha;
> 4) Realização dos desenhos e da pintura, atentando para a estética bem colorida;
> 5) Apresentação oral do *tehêy*, utilizando os desenhos para dialogar sobre o tema, mostrando os desenhos e contando as histórias, falando sobre seus significados, compartilhando os conhecimentos ali presentes.
> 6) Propor a criação de novos *tehêy* ou a produção de outras obras com base nesse (AQUINO PEREIRA et al, 2022, p. 78-79).

Assim, após a escrita de nossos relatos, realizamos a sua leitura e teheamos as ideias principais neles presentes, sublinhando os trechos escolhidos. Com base nessas ideias, definimos quais entrariam no tehêy e nos reunimos para realizar os desenhos e a pintura, dialogando para organizarmos a estrutura e quem desenharia e pintaria o quê. A atividade durou 8 horas e meia, com revezamento entre os(as) autores(as) do artigo, sendo realizada na sala do CCI, na ala norte da UFSCar, local em que costumeiramente ocorrem as reuniões do NALDEIA.

Figura 1. Momentos da confecção do tehêy deste artigo



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

Relatos

ANACLEIDE

Me chamo Anacleide Assunção Costa Aguiar, do povo Desana, meu nome do benzimento "Diakarapó com a língua Desana", "Diakátapó com a língua tukano". Pedagoga (UFSCar). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar). Naturalidade de São Gabriel da Cachoeira - AM. Em São Gabriel da Cachoeira, vivem pessoas não indígenas e pessoas indígenas de 23 etnias e, aproximadamente, 30 línguas indígenas são faladas. Há uma grande diversidade e representatividade de todas as etnias de São Gabriel da Cachoeira, que é de suma importância para a valorização da cultura e da língua indígena em nosso país.

Ingressei pelo Vestibular indígena em 2018, na Universidade Federal de São Carlos, no Curso de Licenciatura em Pedagogia e conclui em 2022, no segundo semestre. Em 2024, ingressei na Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de São Carlos (PPGE/UFSCar).

O Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA), é um grupo de pesquisa complementarmente rico e os que participam são os estudantes indígenas e não indígenas e os professores doutores não indígenas. NALDEIA é o grupo que tem objetivo de desenvolver pesquisas científicas, de forma colaborativa e coletiva, a partir das rodas de

conversa e também a partir do compartilhamento de temas de estudo e de linhas de pesquisa como TCC e Projeto para Mestrado.

Isto é, a organização de pesquisadores apresentada por estudantes indígenas do Centro de Culturas Indígenas (CCI), e de desenvolver pesquisas e trabalhos acadêmicos dentro do mesmo tema de pesquisa. E que ajuda a gente como pesquisador(a) sugerir-se a necessidade de discussão e padronização das linhas de pesquisa entre os pesquisadores do grupo, bem como a definição de estratégias de delimitação dos temas em relação aos eixos pesquisados, o estabelecimento de projetos amplos que englobem temas específicos e a descrição da linha de pesquisa à qual pertence o projeto, na descrição do mesmo. É uma possibilidade que os estudantes pesquisadores indígenas consigam estruturar a sua linha de pesquisa, uma vez que possivelmente existem, entre os pesquisadores indígenas e não indígenas, olhares diferentes sobre objetos de pesquisa das diversas áreas de atuação.

Portanto, sem dúvidas, a participação em um grupo de pesquisa na NALDEIA trará grandes benefícios para nossa carreira acadêmica e profissional. Afinal, é uma oportunidade incrível de conviver com outros estudantes indígenas e pesquisadores indígenas e não indígenas e desenvolver habilidades diferentes dos conhecimentos aprendidos em cada encontro. Sem contar que é uma chance de se aprofundar em temas que são do seu interesse.

Enfim, participar do grupo de pesquisa NALDEIA, é uma forma de aldear e demarcar o espaço que é o nosso direito e fortalecendo a nossa identidade indígena no espaço da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Em todos os encontros, aprendemos coisas novas e desenvolvemos diversas atividades relativas à pesquisa científica. Seja em relação ao aprofundamento de temas indígenas e não indígenas com os autores indígenas e não indígenas a partir de leituras e discussões no grupo de pesquisa ou no desenvolvimento de atividades, como a produção de um artigo científico. Sendo assim, no dia 24/06/24 completa 1 ano da minha participação no grupo de pesquisa NALDEIA. Participando no grupo de pesquisa NALDEIA faz olhar que é uma preparação importante para nós estudantes indígenas/não indígenas da Graduação e Pós-Graduação, e, para que possamos repassar todos nossos aprendizados de cada encontro na NALDEIA que tivemos e isso facilita na nossa construção do TCC e do projeto de Mestrado e também nosso estudo e, especialmente, pelo desenvolvimento de habilidades de iniciação científica.

O convívio com professores maravilhosos em cada encontro, estudantes pesquisadores indígenas e não indígenas no grupo de pesquisa NALDEIA é uma forma de ampliar a rede de relacionamentos e contatos dentro da universidade. O grupo de pesquisa NALDEIA, tendo a convivência com outras pessoas do grupo de pesquisa, sejam pesquisadores, professores

ou outros estudantes, possibilitando o compartilhamento de informações e ao funcionamento do ambiente acadêmico e às notícias referentes aos assuntos dos estudantes.

ANA PAULA

Me apresento aqui como Ana Paula Alves da Silva (Ana Wassu); sou indígena do povo Wassu Cocal, da aldeia Wassu Cocal que fica localizada no município de Joaquim Gomes - Alagoas, graduanda em Fisioterapia na Universidade Federal de São Carlos, membro do Centro de Culturas Indígenas (CCI).

Tenho participado do grupo de pesquisa Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala (NALDEIA), desde antes da sua criação (oficinas para pós-graduação) que ocorreram de setembro de 2022 a março de 2023, estive presente na abertura oficial do grupo, em junho de 2023, apresentando o artigo publicado "Motricidades Indígenas", até os dias atuais, construindo este projeto e movimento que chamamos de "Aldear a pós-graduação da UFSCar". A tese de doutorado do Prof. Marcos Aquino, foi uma pesquisa conjunta com o coletivo CCI, teve um importante resultado apontando as barreiras para o acesso aos programas de pós-graduação da UFSCar, e as ausências dos e das estudantes indígenas egressas desta universidade. As oficinas que antecederam NALDEIA foram um importante facilitador para o entendimento das ferramentas para melhorar a escrita de projetos, bem como aprimoramento de habilidade na escrita e letramento acadêmico, sem deixar perder as características culturais dos e das indígenas pesquisadores, trazendo conhecimento e empoderamento das formas de pesquisar com métodos decoloniais e consciência mais ampla a respeito das ferramentas que nos direcionam à continuação dos estudos e carreira acadêmica. Com isto surgiu a necessidade da criação do grupo de pesquisa, a fim de que através dele pudéssemos, ler e estudar obras de autores indígenas, construir um pensamento crítico, decolonizado e empoderado de cultura e ancestralidade, para cada vez mais construir pontes entre os conhecimentos milenares dos povos indígenas e a universidade, valorizando e ampliando a ciência indígena que cada povo traz.

O NALDEIA existe porque foi construído coletivamente, para ser uma ferramenta de luta, o caminho que estamos trilhando para ocupar espaços negados desde sempre aos nossos corpos e epistemologias, nossa filosofia, nossa ciência ancestral também tem lugar na academia, e um papel importante e transformador na pós-graduação, por isso, estamos fazendo crescer os números e também a esperança de continuar capacitando e abrindo caminhos para nossa ciência ancestral passar e aldear, como uma grande retomada, esse movimento que estamos fortalecendo, não significa

apenas ocupar as vagas de direito conquistados com ações afirmativas, mas mostrar para os próximos que virão que este também é lugar de indígena.

O NALDEIA, sendo assim, se torna mais que um grupo de pesquisa, mas um manifesto vivo, onde podemos nos sentir capazes de quebrar as barreiras que tentam nos impedir de conquistar essas vagas e permanecer, prosperar e elevar a qualidade da saúde, educação e tecnologias em nossos territórios, pois esse sempre foi a nossa maior motivação ao ingressar em uma universidade, além disto possibilita dar visibilidade aos nossos povos e colocar em evidência nossos conhecimentos ancestrais, e é muito significativo ver o nome do meu povo nesses lugares, sendo reconhecido e valorizado.

Antes do NALDEIA, eu considerava algo distante da minha realidade e desempenho acadêmico, por todas as defasagens enfrentadas ao longo da minha trajetória acadêmica, concorrer a uma vaga em um programa de pós-graduação. Hoje, com todos os trabalhos desenvolvidos, todos os nossos esforços coletivos e apoio que temos dado uns aos outros e acreditando que nossos conhecimentos têm muito valor, que não são menos ciência que os outros, e temos capacidade suficiente para irmos mais adiante e um pouco mais se assim quisermos, essa conquista de autoestima e autoconfiança, também é uma conquista do NALDEIA, pois a construção voltada para termos mais contato com a literatura indígena e o empoderamento como autores e pesquisadores possibilitou esse fenômeno, e a partir desse momento, “Nada sobre nós, sem nós”, não retrocederemos nem mais um direito, não perderemos nem mais uma oportunidade e lutaremos para que nenhuma vaga de ensino superior e pós-graduação fique ociosa, pois ocuparemos cada espaço e aldearemos todos os campos de conhecimento com a nossa ancestralidade.

Neste um ano de existência e resistência, é muito gratificante ver que os frutos do NALDEIA vão além do número de participantes do grupo de pesquisa ingressando na pós-graduação, dos artigos publicados, que são conquistas muito valiosas e gratificantes, mas também devemos considerar que o grupo vem ficando cada vez mais conhecido desde o acolhimento de estudantes indígenas na graduação, até os que estão candidatos à formatura, ganhando cada vez mais apoiadores indígenas e não indígenas, enriquecendo cada vez mais a interculturalidade do grupo, esse ganho de apoio e visibilidade dentro e fora da universidade e do coletivo, é de suma importância para sua continuidade, que significa para mim reverberar o movimento de “aldear a pós-graduação da UFSCar” e continuar abrindo portas para os sonhos e valorização de conhecimentos científicos indígenas ancestrais.

FAGNER

Fagner Santos de Oliveira, do povo Pankararu, localizado no nordeste brasileiro, entre os municípios de Tacaratu e Jatobá do estado de Pernambuco. Não tenho uma precisão exata de quantos encontros participei, entretanto sinto que ao estar no NALDEIA é um ambiente diferente, que não estou na comunidade e também não na universidade, um espaço de transição, no qual há uma sensação que o NALDEIA transita nos dois mundos, casa e universidade. Espaço que posso levar e trazer saberes, estando em círculo onde todos tem o poder da fala, lembra a comunidade, a lousa, o projetor, lembra a universidade.

Durante a graduação há objetivos de participar, por exemplo, de diversos grupos de pesquisas, extensão que a universidade propõe, é como deixar nesses grupos sementes. Na ideia de que não pode haver uma metodologia, mas também metodologias de saberes dos povos originários, um dos motivos principais de fazer parte do NALDEIA, como utilizar metodologias de saberes indígenas em projetos de pesquisa. Fazer parte deste grupo leva ao ambiente de diversidades, cada indígena ou não indígena são de cursos diferentes, ou seja, são indivíduos que trazem perspectivas distintas, comparando com sistemas ecológicos são elementos que têm funções diferentes, que no plano maior gera mudanças.

NALDEIA potencializou a enxergar o todo, assim como os antigos falam que precisamos do solo para plantar, mas também da chuva para molhar, olhar ao redor em que vive resulta em oportunidades. Particularmente, nas atividades dadas, faz com que eu tenha mais assertividade, a sair do acanhamento, ser expressivo não somente na oralidade, mas também na escrita.

Vejo o NALDEIA como um vento, a universidade não conhece o grupo na sua plenitude, um vento que na visão pessoal já há efeitos, porém ainda é um vento concentrado, estar em um local. Este coletivo pode tecer mais para outros cantos, seja nas universidades brasileiras, países da América Latina, afinal se carrega o nome Abiayala as sementes devem ser plantadas, para haver raízes fortificadas. É isso que o vento faz, intemperiza rochas, deixam fragmentadas, prontas para receber matéria-prima, que somos nós, um povo, uma criança, mãe, jovem, velho, munidos com saberes do nosso povo originário, pronto para ensinar e aprender, dessa forma o vento concentrado, torna-se ventos espalhados.

FRANCINALDA

Francinalda Maria Rodrigues da Rocha. Sou mulher preta, não indígena. Participar do NALDEIA foi um convite para fortalecer a luta pela

decolonização dos povos pretos e indígenas. Assim, por meio de um poema apresento o sentido do NALDEIA.

O NALDEIA é um movimento interno e externo à universidade
Que chama e acolhe indígenas e não indígenas
Um convite para luta por direitos já garantidos
Por meio de estudos científicos e de conhecimentos indígenas
Um Núcleo que é ação
Naldear faz refletir por que os indígenas não são prioridades
Fortalece a resistência juntos com estes povos
Possibilita conhecer metodologias e rituais próprios dos indígenas
Como a confecção do Tehêy
Que traz em si conhecimentos, saberes e modo de viver
Luta diária junto com quem cuidou e cuida das florestas, dos rios, da nossa natureza
É adentrar na possibilidade de falar com o mundo invisível
Emana a nossa espiritualidade
Enxerga o rio como ancestral.
Compreende que cada elemento vivo é tão importante quanto nós
É um recriar de cada ambiente, ritual, espiritualidade de diversas etnias na narrativa do viver
Tudo o que sabemos e fazemos vieram dos conhecimentos indígenas
Respeito ao conhecimento tradicional desses povos
Naldear é transcender com a Ciência
Oportuniza que os conhecimentos ancestrais ultrapassem os muros da universidade
E possa adentrar outros espaços
A luta destes povos é a luta pela sobrevivência da vida no Planeta
Ë compreender que *somos Abiayala*
Com sua potência e intensidade
Naldear vai além de ser um Núcleo de pesquisa por e com indígena
É uma ciranda que precisa ser ampliada, oportunizada
Em todos os espaços do saber
Pois, quando a gente entra neste espaço sagrado
Saímos com outra visão e conhecimentos
Mas principalmente respeitando e lutando COM os povos tradicionais
e compreendendo a nossa cultura.

IVANILDO

Sou indígena do povo Baniwa, mais especificamente da fratria Hohodene, recebendo nome de benzimento Dzawimaka dentro do território e

fora dela me identifico com o nome não indígena de Ivanildo da Silva Ferreira. Somos indígenas que vivem no noroeste do Estado do Amazonas - Brasil, mas que também transitam nas fronteiras da Colômbia e Venezuela. Nasci na comunidade chamada Uapuí Cachoeira, localizado no Rio Aiarí, afluente do Rio Içana que é afluente do Alto Rio Negro (AM), há mais ou menos 400 km de distância da cidade de São Gabriel da Cachoeira, última cidade do Brasil antes de chegar na fronteira da Colômbia, conhecida também por ser a "cidade mais indígena do Brasil", por conter um complexo cultural de 23 povos indígenas falantes de 22 línguas diferentes uma da outra, além do português e espanhol (adentrou no município desde os anos 2000).

Em 2016, realizei a prova do Vestibular Indígena da UFSCar subsidiado pelas Políticas de Ações Afirmativas. No ano seguinte, em 2017, cheguei na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar para cursar a graduação de fisioterapia, onde tive que me adaptar no novo ambiente cultural, social, linguístico e climática de São Carlos, no Estado de São Paulo. No ano de 2022, conheci o professor Marcos de Aquino, meses antes da sua defesa da tese de doutorado, numa oficina chamada 'Oficinas para pós-graduação', que ele se propôs oferecer para o coletivo do Centro de Culturas Indígenas (CCI) com o objetivo de orientar e sulear os estudantes indígenas que tivessem interesse em realizar iniciação científica, trabalho de conclusão de curso (TCC), projeto de mestrado ou apenas de adquirir conhecimentos neste ramo. A oficina perdurou de setembro de 2022 a março de 2023, onde aprendemos mais sobre metodologias científicas, fazendo com que valorizemos também os nossos conhecimentos indígenas, pois o professor sempre reforçava esse argumento de poder equiparar os nossos conhecimentos e saberes ancestrais em relação aos saberes e conhecimentos científicos, trazendo visibilidade não só para um povo específico, mas também para todos os povos indígenas invisibilizados há séculos no Brasil e no mundo.

Durante essa oficina, foi quando surgiu a ideia de criarmos um grupo de pesquisa indígena, porém, como o professor Marcos não tinha vínculo com a UFSCar, ele não podia ser o responsável por criar esse grupo, no entanto ele tinha contato de um outro professor que tinha vínculo e que o mesmo cedia espaço para realizarmos a nossa oficina, foi quando o professor Luiz Gonçalves Júnior do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana entrou como responsável por esse projeto de Aldear a Pós-Graduação da UFSCar. Diante disso, em junho de 2023 surgiu o Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indiagem Abiayala - NALDEIA como um grupo de pesquisa inicialmente somente para os indígenas do CCI, mas no decorrer foi abraçando também as minorias como os negros, LGBTQIAPN+, assim como alguns brancos e alguns estrangeiros do nosso continente e continua abraçando quem tiver interesse em participar do grupo.

Com isso, a minha relação com o NALDEIA é e sempre vai ser profunda, pois estive presente desde a sua origem embrionária de nossas mentes até nos dias atuais, assim como a nossa vontade em trazer visibilidade aos estudantes indígenas da UFSCar nas produções científicas através dos seus saberes ancestrais, se tornando mais um espaço de direito, de permanência, de crescimento acadêmico, profissional e pessoal. Assim, o grupo de pesquisa NALDEIA me oportunizou a escrever três artigos, dois já publicados e um aceito para a publicação, ambos os artigos dando ênfase no protagonismo e na visibilidade dos povos indígenas e dos próprios estudantes indígenas da UFSCar. No acolhimento dos novos estudantes indígenas, eu e a minha companheira Ana Paula (participante também do NALDEIA) apresentamos o grupo de pesquisa e convidamos a todos para participarem e somarem nessa luta para aldearmos a pós-graduação da UFSCar. Além disso, o NALDEIA também me propiciou conhecer mais sobre a literatura indígena de autores (as) indígenas do Brasil e do mundo, além de ser um espaço seguro e acolhedor dentro da universidade e de trocas e compartilhamentos de conhecimentos interculturais e multidisciplinares.
Dessa forma, o NALDEIA representa para mim uma ponte, uma porta, uma oportunidade para entrar na pós-graduação na Universidade Federal de São Carlos, pois através dele podemos sonhar em ocupar esse espaço de direito que antes era distante ou parecia impossível, mas agora isso se tornou possível para muitos estudantes indígenas, aliás há três estudantes que participam do NALDEIA na pós, dois entraram nesse ano de 2024 e esperamos que mais indígenas almejam em “aldear a pós-graduação da UFSCar”. Inclusive, eu e a minha companheira estamos participando de um processo seletivo de um programa de pós-graduação, ainda nesta semana de junho sairá o resultado da primeira etapa e estamos esperançosos para o que está por vir.

Portanto, ser integrante de um grupo de pesquisa como o NALDEIA é ser guerreiro ou guerreira, resistente e resiliente, pois os que estão caminhando na frente, abrem caminhos para os que estão vindo atrás, seja para os nossos familiares ou para outros parentes indígenas, assim como tudo na luta dos direitos dos povos indígenas invisibilizados e massacrados desde a invasão dos não indígenas. Agora é o momento de retomada, mas não de terras, mas sim de espaços físicos e intelectuais, onde podemos fazer a diferença no presente e no futuro ancestral de toda a humanidade, mas principalmente no futuro dos povos originários dessa Terra chamada Abiayala.

MARCOS

Meu nome é Marcos José de Aquino Pereira, não indígena, tendo ascendência indígena por parte materna, sou professor e atuo com os(as) estudantes indígenas da UFSCar desde 2019.

Minhas experiências com o NALDEIA começam quando o grupo de pesquisa ainda era apenas um sonho e uma possibilidade, surgido como uma demanda e depois como uma ideia, a partir das rodas de conversa e da convivência com estudantes indígenas, em nossa pesquisa de doutorado sobre o Centro de Culturas Indígenas da UFSCar (CCI). Em muitas das falas dos(as) participantes/coautores(as) da pesquisa, mostrava-se a vontade de continuar os seus estudos na pós-graduação, de pesquisarem e escreverem sobre temáticas indígenas e de estudarem os conhecimentos de seus povos e textos de autores(as) indígenas, ações que apresentavam diversas barreiras e dificuldades na universidade naquele momento.

Diante dessas necessidades, começamos a pensar em caminhos para atender essas demandas e, após apresentarmos esses pontos à instituição através de carta e da própria tese, percebemos que para mudanças mais imediatas, as iniciativas deveriam partir do próprio coletivo indígena. Assim, nos organizamos e criamos o Projeto "Aldear a Pós da UFSCar", com a realização de oficinas de criação de projetos de pesquisa, orientações individuais e apoio na inscrição e nas etapas dos processos seletivos da Pós.

Entretanto, como essa ação não dava conta de atender todas as demandas e a ideia de criar um grupo de pesquisa indígena, surgida durante a pesquisa de doutorado, que se tornara um sonho, nos pareceu ser o caminho a seguir. Com muito diálogo, como sempre ocorreu em nossas decisões e ações, organizamos a criação do grupo, o seu cadastramento junto à CNPq, a divulgação para estudantes indígenas e a realização do 1º encontro.

Desde então, a cada encontro e em nossas interações presenciais ou remotas, tenho vivenciado não apenas o convívio com pessoas muito especiais como realizado aprendizagens profundas, diversificadas e significativas com os agora pesquisadores(as) indígenas participantes do NALDEIA.

Já no início definimos os objetivos do grupo, que giram ao redor da formação de indígenas como pesquisadores(as), a produção acadêmica de artigos sobre temáticas indígenas para a revisibilização, reconhecimento e difusão de seus conhecimentos e o estudo de obras de autores(as) indígenas visando apoiar o referencial bibliográfico desses(as) pesquisadores(as) em suas pesquisas, trabalhos e apresentações.

Sendo um grupo formado por indígenas de diversos povos, ele é por si intercultural, permitindo a participação de não indígenas, promovendo assim um espaço para a educação intercultural na universidade, demanda essa que foi um dos resultados da nossa pesquisa de doutorado. Assim, na

dialogicidade, nas trocas, na convivência, crescemos no respeito e na valorização da diversidade.

Ao nos reunirmos mensalmente, temos uma apresentação e um texto escolhido e lido previamente para debatermos. Nosso combinado é que as apresentações sejam individuais ou em grupo, voltadas às temáticas indígenas ou para temas que os(as) pesquisadores(as) indígenas estejam envolvidos(as).

Em minha vivência no grupo, participei de todas as reuniões até aqui realizadas e pude aprender muito sobre assuntos diversificados, tanto nas apresentações como nos debates por elas ensejados. Muitos assuntos que foram tratados são exclusivos de povos específicos, a respeito dos quais não existiam publicações e a partir dessas apresentações e discussões no NALDEIA, tornaram-se temas de artigos publicados e apresentações em eventos acadêmicos, nacional e internacionalmente, pelos(as) membros(as) do grupo.

Além disso, momentos de cantos, músicas e danças tradicionais também me marcaram profundamente nesse 1 ano de NALDEIA, como também a exibição em primeira mão em um dos encontros de um curta-metragem chamado Timbira, produzido por um dos membros do grupo de pesquisa, o estudo sobre a metodologia indígena Pataxó, o Tehêy, apresentado por uma indígena do próprio povo que a criou, apresentações sobre pessoas indígenas com deficiência, sobre a espiritualidade no processo de cura, a cosmologia ligada à ayahuasca, línguas e educação indígenas e tantas outras. Pude tomar maior consciência sobre quão pouco sabemos dos conhecimentos milenares (ou até mais antigos que isso como aprendi em uma das apresentações) e o quanto precisamos aprender com os povos indígenas para as mudanças urgentes que precisamos fazer diante dos crescentes riscos à vida no planeta, causados pela ação destrutiva humana, cujos efeitos temos sentido cada vez mais devido à crise climática. No NALDEIA aprendi outras formas de relação mais harmoniosa que os povos indígenas praticam entre si e com os demais seres vivos, pautadas no Bem-Viver, sobre o qual eu havia lido, mas pude ver e vivenciar na convivência com eles(as), marcas da indiagem e do acolhimento.

Por fim, nesse relato, quero registrar as minhas inquietações e sonhos para o futuro do NALDEIA. Tivemos a alegria de presenciar a aprovação e o ingresso no mestrado de três indígenas do grupo, e esse é um dos desafios que considero mais importantes, pois aldear a pós-graduação, é por si um ato de resistência e expansão da presença indígena na universidade. Quantas trocas de experiência e aprendizados os não indígenas podem fazer com pesquisadores(as) indígenas nos programas de mestrado e doutorado? Quanto o racismo estrutural, o preconceito e a invisibilização contra indígenas pode ser combatido com essa presença? A comunidade universitária só tem a ganhar com isso.

Para tanto, enquanto instituição, a UFSCar precisa criar melhores condições para que isso ocorra, especialmente em relação à concessão de bolsas específicas para indígenas na Pós, o que ainda não existe e compromete a permanência desses poucos(as) indígenas que cursam o mestrado. Houve avanços para o ingresso de indígenas na PG da UFSCar nos últimos anos, com a aprovação das políticas de Ações Afirmativas para a PG, como a reserva de vagas nos programas e dispensa de proficiência em línguas, mas muito ainda precisa ser feito no sentido de implantar processos seletivos diferenciados que considerem os aspectos culturais das pessoas de povos originários, a inserção de temáticas, disciplinas, autores(as) indígenas nas grades curriculares.

Um desafio interno que vejo é a organização do grupo de pesquisa através de coordenações e pessoas específicas para cuidar de cada área, como eventos, produção acadêmica, comunicação, registros, emissão de certificados, entre outras, que hoje são assumidas informalmente por várias pessoas de acordo com a necessidade e a disponibilidade. Outro desafio é no sentido de avançarmos na decolonização do pesquisar, aprofundando o nosso estudo e uso de metodologias indígenas, como Tehêy, trazendo metodologias que são usadas nas escolas indígenas e práticas dos povos aos quais os(as) pesquisadores(as) do NALDEIA pertencem, tornando a construção de suas metodologias de pesquisa diretamente relacionadas às suas epistemologias originárias, e cada vez mais significativas para eles(as), criando um repertório metodológico a ser reconhecido e utilizado pelo meio acadêmico a partir de Pindorama. Também vejo como próximo passo que o NALDEIA comece a realizar eventos acadêmicos que promovam o protagonismo indígena e congregue pesquisadores(as) indígenas.

Quanto aos sonhos, assim como sonhamos em ter o grupo de pesquisa indígena e realizamos, eu sonho que ele possa crescer, apoiar os(as) indígenas em suas lutas, especialmente na universidade e que essa experiência bem-sucedida de um grupo de pesquisa indígena possa ser adotada em outras universidades em cada vez mais tenhamos indígenas pesquisadores(as), mestres, doutores(as) e pós-doutores(as) e professores(as) universitários(as), aldeando as universidades de Abiayala!

MARIA

Sou Maria Auxiliadora Francisco Brazão, nascida na comunidade indígena wanalliana ou Assunção do Içana, nome dado pelos missionários salesianos, localizada na terra indígena alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, fronteira entre Brasil, Colômbia e Venezuela, lugar com uma grande diversidade de povos, culturas e tradições, do meu povo é Baniwa ou Madzeniakonai, conhecedores, navegadores das margens do Rio Içana, de clã wariperi dakenai (constelação), falante da língua

indígena nheengatú (língua geral), levo por nome indígena Kery, que significa lua.

Em 2020, ingressei através das ações afirmativas na UFSCar, onde atualmente curso o quinto ano em licenciatura letras português/espanhol. O ano foi muito difícil para todos, para o mundo, tivemos a pandemia de Covid-19, momento assustador, ficar longe das nossas famílias, em um lugar desconhecido, onde estávamos em adaptação, com um modo de vida diferente do qual estávamos acostumados.

Conheci o grupo NALDEIA em junho de 2023, através dos parentes que publicaram nos grupos da indiagem, então tive a honra de participar do primeiro encontro, e conhecer os professores Marcos e Luiz Gonçalves Júnior. No início de tudo, não entendia para quê realmente era voltada o grupo, mas com o passar do tempo, participando dos encontros, quando possível, fui entender o propósito do grupo NALDEIA, que é aldear a pós-graduação.

O NALDEIA é um lugar para fazermos trocas de conhecimento sem medo, mostrar nossas pesquisas, conhecimentos, culturas que são ricas, diversas e desafiadoras, com uma abordagem sensível, ética e colaborativa, no NALDEIA pude perceber que estou adquirindo muitos aprendizados novos, compreendendo profundamente o sentido sobre as culturas, tradição e valores que já estavam semeados em mim desde a minha nascença, porém, como indígena que nunca tinha saído pra conhecer outros grupos étnicos do país, do mundo, pude perceber que vivia em uma bolha, onde tudo é uma maravilha, pois percebi que, muitas vezes não nos valorizamos como indígenas, originários dessas terras, onde nossos ancestrais viveram e lutaram, notei que o povo tem uma perspectiva diferente, pensamento, visões diferentes, em relação à importância de mostrar, pesquisar, valorizar e resgatar as nossas culturas, tradições dos nossos povos. Dentro do NALDEIA, compreendi a importância de conhecer as história, línguas, práticas sociais dos povos originários, compartilhar conhecimentos e assim fortalecer muito mais as nossas lutas.

Estar no NALDEIA é ter uma oportunidade gratificante de aprendizagem mútua, para enriquecimento de nosso conhecimento acadêmico e profissional, está sendo uma experiência incrível participar.

MURILO

Sou Murilo Santos Oliveira. Sou uma pessoa não indígena e nasci no município de Taubaté, Estado de São Paulo. Estudo Licenciatura em Educação Física e com isso conheci o NALDEIA através do meu professor e orientador Luiz Gonçalves Júnior (que é um dos líderes do núcleo e professor do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana - UFSCar - Campus São Carlos) e participo desde o segundo encontro (julho de 2023).

Gostaria, primeiramente, de agradecer a todas as pessoas que, juntas, ao longo dos anos, lutaram e continuam lutando para que espaços-tempos como este que é o NALDEIA continuem existindo e se fortalecendo. Nada disso aconteceria sem a presença de pessoas indígenas na universidade. Um agradecimento especial para minha querida amiga Márcia Pataxó. Em 2022, nos conhecemos e nos aproximamos muito. Foi aí que comecei a conviver com outras pessoas indígenas, assim como passei a conhecer mais das diversas culturas originárias de Abiayala.

São espaços-tempo que nos convidam a acessar nossa ancestralidade. Ancestralidade essa que nunca antes fora dialogada comigo, um jovem cis branco de 25 anos, não indígena. Ancestralidade que está conectada com a vida, com uma forma cuidadosa e poética de olhar para e se entender no mundo. Ancestralidade que me conecta com o viver em um coletivo que é diverso sem que eu precise apagar ou esquecer de minha singularidade; que me conecta com o viver com as plantas e com os animais, buscando relações de harmonia, sejam elas para fins de alimentação, de cura, de lazer, de produção de conhecimentos e de rituais. Práticas essas que me auxiliam conectando com uma vida mais poética, no sentido de conseguir me maravilhar ao sentir e ver, na simplicidade do momento presente, mais significados e mais vida.

Creio que a diversidade é um outro ponto muito importante do NALDEIA. Diversidade de pessoas, de povos, de corpos, de línguas, de regiões, de faixas etárias, de orientações sexuais, de desejos, de sonhos, de cursos e de textos para as reflexões/discussões. E mais, vejo, através das relações entre as pessoas desse núcleo, uma aceitação e valorização da diversidade que existe entre as pessoas. E é marcante para mim, pelo fato de eu não ter acessado isso antes nos ambientes acadêmicos.

Aqui, nos espaços-tempos criados, me sinto em família, mesmo não sendo um “parente”. Creio que isso se deve também pelo fato de as pessoas que compõem o grupo realmente se entenderem como uma grande família. Uma família que me ensina sobre educação, saúde, tecnologias, solidariedade, empatia e alteridade, sem que precisemos de separações ou dicotomias.

Por fim, depois desses dez encontros que participei, início a construção do meu trabalho de conclusão de curso (TCC) decidido a trilhar caminhos contra coloniais e utilizar como metodologia de pesquisa o Tehêy, metodologia criada pela educadora indígena do povo Pataxó, Dona Liça Pataxó. NALDEIA tem profunda influência nesse processo que é novo para mim, a escrita do meu TCC.

TYFANY

Me chamo Tyfany Maia de Oliveira, mas por nome indígena de benzimento me chamo Yepario. Sou do povo Tukano e nasci em São Gabriel da Cachoeira, Alto Rio Negro, interior do Amazonas. Tenho 22 anos, e faz alguns anos que passei a me questionar sobre várias coisas a respeito da minha identidade indígena, uma delas é o próprio fato de eu ter duas certidões, uma indígena que leva o nome Yepario e uma não indígena que leva o nome Tyfany, assim como todos os outros documentos. Sinto que há uma dicotomia forçada da minha própria identidade enquanto indígena no Brasil. Sou descendente dos povos originários de Pindorama, minha identidade indígena não deveria ser protagonista? Só que aí você percebe que essa é só a gota da água. O próprio nome que o meu povo é conhecido, Tukano, não é originário, mas sim, Yepá mahsã. E isso é só o mais raso exemplo de como o colonialismo tem agido sobre os povos indígenas, mas toda essa história de terror violenta você já conhece. Aqui, quero falar sobre resistência, e o caminho que tenho trilhado para contribuir à luta dos povos indígenas.

Atualmente, estou no terceiro ano do curso de graduação de psicologia na Universidade Federal de São Carlos, no qual ingressei através das políticas de ações afirmativas. O ensino superior tem sido um desafio por diversos motivos, e um dos mais relevantes é o fato da grade curricular não tratar de autores ou conhecimentos e questões indígenas. Trazendo aquele sentimento de dicotomia da minha identidade novamente. Como vou trilhar minha jornada acadêmica/profissional sem deixar de lado minha cultura? E acontece que pra gente o caminho é sempre mais difícil. Mas não estou sozinha, e isso é acalentador, olho pro lado e vejo muitos parentes na mesma luta, persistindo, e isso nos dá forças para seguir.

O NALDEIA é um dos espaços que temos para trazer tudo o que a sala de aula não está nos proporcionando, desde as pesquisas científicas com temáticas indígenas a um simples lugar de fala. Tenho muito a agradecer a minha amiga Cauana por ter me convidado a participar em um dos encontros do grupo, e desde então tenho ido sempre. Participo do grupo desde janeiro de 2024, o que totaliza cinco encontros, sendo que um deles foi remoto devido ao período de férias. No NALDEIA temos a oportunidade de estudar e discutir textos de autores indígenas; trocar experiências e conhecimentos dos nossos povos, muitos desconhecidos por nós próprios, exemplificando a riqueza e unicidade da cultura dos povos indígenas; expor nossas pesquisas e trabalhos; escrever artigos para construir a literatura que sentimos falta hoje; tudo numa relação horizontal entre professores e estudantes, sejam indígenas ou não.

Tem sido um lugar de muito aprendizado e confraternização profissional e pessoal, o grupo é um fator contribuinte para que eu conseguisse me ver atuando profissionalmente sem deixar de lado minhas

raízes, pois vejo que é possível e tenho o apoio para seguir por esse caminho, fazendo do ensino superior uma ferramenta de resistência, que é o que eu vim buscar e pretendo ir muito além, quem sabe uma pós-graduação, pois faz-se necessário ter pesquisadores indígenas na academia brasileira, deixando de sermos apenas objetos de pesquisa - como fomos vistos por muito tempo - rumo a um Brasil menos preconceituoso e mais inclusivo e defensor das causas indígenas.

Sei que o caminho será árduo e muito longo, mas nós, a geração de agora, estamos trilhando o caminho, roçando o mato alto para as futuras gerações saberem por onde seguir, assim como os parentes antes de nós fizeram. E é com esse senso de coletividade que vamos reconquistando território, e assim como todos os coletivos indígenas, o NALDEIA é uma ferramenta de luta importante para trilharmos esse caminho, tanto quanto o tabaco é pro benzedor, principalmente no que diz respeito ao meio acadêmico, um ambiente que deve ser mais colorido com o preto do jenipapo, o vermelho do urucum e a cor de nossas peles.

JOCIMARA

Eu sou Jocimara Braz de Araújo, meu nome indígena é Uará, que significa Garça na língua Patxohã, sou filha do povo Pataxó, nasci e cresci na aldeia Coroa Vermelha, uma das maiores aldeias urbanizadas do Brasil, localizada no município de Santa Cruz Cabrália, Bahia. O povo Pataxó pertence ao do tronco linguístico Macro Jê, da mesma família dos Maxakali, e a língua Patxôhã está em processo de revitalização, pelo fato de quase ser esquecida e apagada através do processo de colonização e nas tentativas dos não indígenas em dizimar o povo Pataxó. Após o início desse processo de revitalização da língua Pataxó, que começou em 1999, foi dado o nome a língua de Patxôhã que significa “língua de guerreiro”, resgatar um idioma é também uma forma de preservação da memória de um povo. Gosto de afirmar que meu povo Pataxó é um povo aguerrido, resistente e resiliente e com esta formação que recebi, em casa, na escola e em comunidade que carrego traços de quem eu sou e afirmo que sou Pataxó com orgulho.

Em 2014, ingressei na Universidade Federal de São Carlos, no curso de Gerontologia e em 2015 me matriculei no curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com o apoio dos meus familiares e das lideranças do meu povo, eu pude permanecer com coragem e confiança na graduação, sem desistir dos meus objetivos e do meu papel enquanto estudante indígena. Me formei em Biblioteconomia e Ciência da Informação e, hoje, estou no mestrado em Ciência da Informação e como futura mestre e profissional da CI estou aldeando este espaço que é a Universidade e dando visibilidade aos povos indígenas por meio do ensino e pesquisa, na divulgação de artesanato, preservação da memória e patrimônio cultural e material do povo Pataxó.

Participar do NALDEIA é muito significativo para mim, pois acompanhei o projeto desde o começo, no início das reuniões pensamos em como seria o projeto e para quem seria o NALDEIA, nesse sentido, em diálogos e trocas de ideias com os colegas indígenas e com nosso parceiro Marcos, pudemos ver de fato os nossos encontros acontecendo. O NALDEIA é um espaço de acolhimento, trocas de conhecimentos e epistemologias indígenas e também de confraternização. É um espaço onde priorizamos os conhecimentos indígenas e acolhemos as pessoas não indígenas, pois entendemos que é fundamental esse diálogo para o respeito, apoio e disseminação dos conhecimentos ancestrais e da cultura dos povos indígenas. O NALDEIA está indo para o seu décimo terceiro encontro e foram escritos nove artigos, sendo dois já publicados, três aceitos e quatro aguardando decisão, nos quais três deles tem minha colaboração. Atualmente, estamos engajados cada vez mais em divulgar as pesquisas que os estudantes indígenas vêm desenvolvendo e em realizar eventos e oficinas para formação de indígenas e não-indígenas. Uma das nossas maiores lutas é pela permanência dos estudantes indígenas na graduação e pós-graduação, esta última é importante, pois estamos lutando para que haja bolsas para os indígenas na pós-graduação, uma vez que um dos objetivos do NALDEIA é dar apoio aos pós-graduandos e para sua permanência, nós estudantes indígenas estamos na luta para que haja mais vagas ou reserva de bolsas para os ingressantes no mestrado e no doutorado. Estamos abrindo caminhos para que os parentes possam ser protagonistas de sua própria história e dar voz aos seus povos e ao conhecimento ancestral.

JOSINEIDE

Sou Josineide Jacida da Silva, mais conhecida como Vanessa Silva ou Vanessa Atikum, sou indígena do povo Atikum, do estado de Pernambuco, sou natural da aldeia Lagoa Cercada, localizada no município de Carnaubeira da Penha, porém, atualmente, tenho mais vínculo e convívio com a aldeia sede, a qual morei grande parte da minha vida e me formei na mesma, em uma escola indígena, a Escola Governador Estácio Coimbra, que engloba os conhecimentos do currículo tradicional da BNCC, e também os conhecimentos tradicionais do povo Atikum, sendo eles, a prática do ritual, disciplinas de artesanato, contação de histórias do povo, festejos específicos tradicionais e trabalhos escolares que valorizam e fortalecem a cultura indígena. Sempre vivi no território indígena, durante a infância morei tanto na aldeia do meu pai, aldeia Baixão do povo Atikum, ou na aldeia Lagoa Cercada, da minha mãe, também do povo Atikum, sou filha de Atikum, de ambos os lados, desde que vim ao mundo.

O município de Carnaubeira é dividido entre dois povos, Atikum e Pankará, uma boa parte das aldeias está entre três serras, a Serra Umã e a

Serra do Jacaré onde ficam os indígenas Atikum, e a Serra do Arapuá, onde fica o território do Povo Pankará. Meu povo é muito conhecido pelo seus trabalhos sagrados, pelos nossos artesanatos, nossas benzedeiras, pelo seu ritual chamado toré e também pela rica diversidade de ervas medicinais, as quais usamos nos rituais e também no dia a dia. Infelizmente, não temos mais a língua materna, é algo que a invasão infelizmente nos levou, mas temos nossos próprios costumes e tradições, e isso não nos faz menos indígenas, pelo contrário, isso só mostra a diversidade entre os povos e ainda quebra esse mito de que somos todos iguais, com costumes iguais.

Ingressei na UFSCar em 2019, no curso de Licenciatura em Educação Especial, costumo dizer que caí de paraquedas no curso, pois não sabia exatamente do que se tratava e nunca me imaginava nesta área. Com o passar do tempo, fui me adaptamento ao curso e estava cada vez mais envolvida e apegada a causa das pessoas com deficiência, me fazendo ter proximidade devido a apoiar a causa também dos povos indígenas, pois, esses dois grupos têm semelhanças entre si: a tentativa da sociedade de excluí-los, a luta por seus direitos e por uma educação diferenciada, por inclusão e por respeito a suas diferenças. Atualmente, estou formada em educação especial pela UFSCar e sou estudante do curso de Tradução e Interpretação em Libras/ Português (TILSP), o qual entrei também por meio do vestibular indígena, no ano de 2024. Destaco que meu trabalho na universidade, assim como outros parentes, não é apenas estudar, mas também lutar e resistir, lutar pelas melhorias, resistir ao preconceito e as dificuldades que enfrentamos nesse meio e, por isso, também atuo como palestrante nas escolas e nas próprias universidades, fazendo parte de projetos de extensão que venham debater a causa indígenas à medida que buscam formas de fortalecer esse movimento em todos os sentidos, buscando formas de aldear a universidade.

Comecei a frequentar o grupo desde de junho de 2023, e desde então estou sempre presente nos encontros, pois, o NALDEIA surgiu como uma porta, não só para mim, para muitos estudantes indígenas que sonham em ingressar na pós-graduação, mas destaco que o NALDEIA está muito além disso, os encontros nos proporciona debater sobre vários assuntos de várias perspectivas, entre indígenas e não indígenas, além disso, ter a sua base teórica por escritores e influências indígenas torna tudo mais significativo, pois, estamos em um ambiente frequentado em grande maioria pela população branca, deixando a desejar em relação a presença dos povo indígenas e da população negra do Brasil. Por esses e outros motivos o grupo é tão importante, pois ele prioriza a valorização indígena, à medida que nos fortalece dentro da UFSCar, como indígenas, e como indígenas pesquisadores, nos fazendo deixar de ser objetos de pesquisa e passarmos a ser pesquisador, como dito por Tuhiwai (2018).

O NALDEIA me ajudou muito na pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, nas discussões dos encontros, a ver a importância de usar mais

autores indígenas na pesquisa, são pontos cruciais que ajudaram a aprimorar a minha pesquisa. No período em que apresentei meu projeto de TCC, ainda em andamento, também tive muitas contribuições dos participantes e parentes. O grupo me ajudou principalmente na escolha da metodologia Tehêy, usada na defesa do TCC, foram as discussões nos encontros que me levaram a decisão de usar uma metodologia indígena pela primeira vez na UFSCar, os frutos desse acontecimento estão sendo colhidos até os dias atuais, a UFSCar publicou a notícia em seu site, fazendo assim o Tehêy ter mais reconhecimento e valorização pela comunidade acadêmica, destaco essa conquista um grande passo para nós estudantes indígenas, mostrando que somos capazes de usarmos nossas próprias metodologias e conhecimentos ancestrais na universidade, abrindo espaço para a diversidade e para a retomada de território, fazendo jus ao projeto do NALDEIA, de aldear a pós graduação.

Teheamentos Finais

Na metodologia do Tehêy, a parte final é a exposição dos conhecimentos teheados, tendo como base os desenhos produzidos, de forma que, apresentaremos as nossas considerações seguindo essa perspectiva pautada no desenho-narrativa.

Figura 2. Tehêy do artigo



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

A estrutura do nosso tehêy mostra um rio correndo por toda a sua extensão, o rio da ancestralidade, que flui pelo tempo, sendo fonte de vida e representando a ancestralidade indígena. O rio divide o tehêy em duas partes, do lado esquerdo está o mundo que os(as) estudantes indígenas vivenciam em suas comunidades tradicionais, representado pela Casa do Saber e à direita as suas experiências no mundo não indígena, simbolizado pela universidade, com o logo da UFSCar. O rio também lembra a nossa memória, em fluxo contínuo, carregando para o agora o passado e atualizando os nossos repertórios, refletindo sobre seus significados e olhando para o futuro, como fizemos em nossos relatos.

As cores vivas, das estéticas indígenas presentes no tehêy, representam o colorido da natureza carregada de beleza e significado, vista por muitos povos indígenas como uma escrita divina. Os diferentes grafismos na moldura e em outras partes, nos lembram que grande parte do Brasil desconhece e generaliza os povos indígenas, reduzindo toda unicidade e riqueza de cada povo a uma ideia genérica de indígena, simbolizando que adentrar o meio acadêmico é uma porta para dar visibilidade e representatividade aos povos originários, de forma que esses grafismos diferentes mostram a diversidade de povos indígenas presentes na UFSCar, revelando o conceito muito usado pelos(as) estudantes indígenas da UFSCar e presente em alguns relatos: indiagem, que significa ao mesmo tempo o ser indígena, a identidade indígena e o coletivo de indígenas.

Figura 3: Percurso do(a) pesquisador(a) indígena, sementes, raízes, lutas, guerreiros(as), barreiras, desafios, UFSCar, caminho sendo aberto para outros(as) trilharem, NALDEIA como ponte, CCI, pós-graduação, mestrado e doutorado, conquistas do coletivo



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

Os relatos manifestaram que estudantes indígenas têm menos oportunidades de produção acadêmica-científica na universidade que não indígenas e que o coletivo CCI e o grupo de pesquisa NALDEIA, fortalecem esse movimento de resistência dentro da universidade, cada um com suas especificidades e objetivos, contribuindo para realizações dos(as) estudantes indígenas, gerando resiliência para vencer os desafios e barreiras, com o objetivo de alcançar a conclusão de seus cursos e para ingressar na pós-graduação da UFSCar e ao mesmo tempo para a visibilidade e reconhecimento dos seus povos e de seus conhecimentos milenares.

Sendo um dos maiores desafios para um(a) estudante indígena na universidade trilhar a sua jornada acadêmica em conjunto com sua identidade indígena, pois a grade curricular da maioria dos cursos, se não todos, não traz temáticas e nem autores indígenas para salas de aula e nas pesquisas, o NALDEIA chegou para cobrir parte dessa lacuna, com estudos, artigos e pesquisas feitas sobre temáticas indígenas feitas por estudantes indígenas, pois, aqui temos oportunidade para fazer isso. Isso nos possibilita criar uma ponte entre nossa cultura e nossa futura profissão, fazendo com que nos tornemos profissionais sem abandonar nossas raízes, o que é representado pela figura indígena segurando numa mão o maracá, e na outra, o diploma, portando um capelo e um cocar em sua cabeça, respectivamente símbolos de conhecimento e de poder nas sociedades não indígenas e indígenas.

Essa jornada do(a) pesquisador indígena, representada no tehêy, mostra que para os povos indígenas, o caminho que foi confiado pela ancestralidade e pelo mundo invisível, ou seja, pelo mundo dos espíritos, é complexo e árduo, cheios de lutas, desafios, barreiras e sacrifícios diários a serem ultrapassadas e vencidas, porém isso capacita para que se tornem ótimos(as) guerreiros(as)-caçadores(as)-coletores(as) de conhecimentos, o que é retratado pela borduna no desenho. Assim, abrindo na universidade esses caminhos fechados, fazem como na mata, onde o(a) primeiro(a) vai limpando o caminho para os(as) que virão depois encontrarem rastros, pegadas e marcas dos(as) que já por ali passaram, deixando mais limpo e visível por onde pisar e trilhar o destino individual e coletivo dos povos indígenas, simbolizado no tehêy pelo caminho gramado, remetendo ao Caminho de Peabiru, ao mesmo tempo antiga estrada de locomoção e rota espiritual indígena. Como dizia uma parente indígena, Ellen Lima, do povo Wassu Cocal: “O futuro caminha na mata fechada de ontem”.

Figura 4: Tehêy, pescaria de conhecimentos, metodologias indígenas, decolonização do pesquisar



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

O NALDEIA nos propicia, tanto aos estudantes indígenas como aos não indígenas, estudar, conhecer e usar outros tipos de metodologias, inclusive as metodologias indígenas, como o Tehêy, apresentando para o mundo acadêmico as ferramentas indígenas que faz descolonizar e decolonizar o modo como pensamos e realizamos as nossas pesquisas. Outras práticas metodológicas usadas nos encontros do NALDEIA, narrados nos relatos, como a apresentação de pesquisas indígenas concluídas ou em curso e diálogo sobre elas, o estudo e debate de obras de autores(as) indígenas prioritariamente ou não indígenas com temáticas indígenas visam promover o protagonismo indígena no meio acadêmico. Mostrando isso, trazemos o desenho do tehêy como instrumento de pesca do povo Pataxó, além da canoa e remo, próximos do rio e dos peixes, que desse lado do desenho representam a pesca dos povos indígenas e que são levados para outro lado do rio, a universidade, pelos(as) pesquisadores(as) indígenas, se tornando a pescaria de conhecimentos da metodologia Tehêy.

Figura 5: Escrita coletiva do artigo, colaboração e troca de conhecimentos



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

Nos relatos, várias vezes, vimos que a troca de conhecimentos e sabedoria tradicional é essencial para o diálogo e o respeito, estando diretamente ligada aos povos indígenas que mantêm a troca como valor importante entre si e entre os diferentes povos. Participar do NALDEIA é transmitir esses saberes ancestrais como estudantes(as) e pesquisadores(as) indígenas, o que é fundamental para a preservação e difusão cultural, marcado pelo símbolo indígena Desana com mãos se entrelaçando. Essa colaboração entre pesquisadores(as) indígenas e não indígenas, tendo em conta esses conhecimentos como construção de práticas como na confecção do tehêy e na escrita dos artigos compartilhados, vem sendo um grande fortalecimento como coletivo para o grupo de pesquisa, o que é representado pelas diferentes mãos, indígenas e não indígenas, escrevendo um artigo sobre temática indígena, o que é simbolizado pelo grafismo.

Partindo dos conhecimentos ancestrais, tem foco no fortalecimento das práticas tradicionais dos povos originários. O Tehêy envolve projetos culturais e troca de conhecimentos entre diferentes povos dos estudantes indígenas e também não indígenas que fazem parte do grupo de pesquisa NALDEIA.

Figura 6: Músicas, cantos, danças, culturas e oralidade indígenas atravessando o rio e se espalhando pela Abiayala



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

As danças, os cantos, as histórias indígenas contada pelos(as) avós, transmitidas para os(as) mais novos(as), pela oralidade, pelas artes e pelas músicas são como o vento, não controlamos o seu fluxo, mas ele é apresentado pelos(as) nossos(as) sábios(as), ensinando como cultivá-lo e como passar adiante para a próxima geração. Assim, o vento vai estar presente onde ele for acolhido e bem cuidado. É assim também com as nossas músicas, cantos e danças, eles permeiam o universo tridimensional, atingindo o espaço-tempo, sempre presente com quem os percebe e os sente, podendo se tornar também uma comunicação da Terra-Mãe com os(as) seus(suas) filhos(as). Tudo isso é registrado no tehêy através da flauta indígena, chamada em nheengatu de Cariçu, sagrada para alguns povos como os Baniwa que a chamam Pheluma, da qual saem notas musicais de diferentes cores que se espalham por todo o desenho, sem se deter nas barreiras ou divisões, enchendo o mundo inteiro com alegria e espalhando os conhecimentos, as culturas e as artes indígenas dos diversos povos originários pelo Cosmo.

Figura 7: Casa do saber, lugar de passagem de conhecimento ancestral, práticas de rituais sagrados, lugar de cura, povos indígenas que bebem o conhecimento ancestral



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

O grupo NALDEIA, como ponte, representa como a Maloca para os(as) indígenas, sendo compartilhada durante, em cada encontro, a sabedoria de cada povo presente que traz de suas comunidades e de sua ancestralidade esses conhecimentos milenares, o que é simbolizado pela Casa do Saber, local onde as gerações se encontram para compartilhar saberes. A figura indígena bebendo na cuia, como é feito pelos Atikum ao beberem nela a Jurema, representa que os(as) anciãos(ãs) transmitem conhecimentos tradicionais aos(às) mais jovens, que bebem dessa fonte, preservando assim a história, a língua, a medicina natural e outras práticas culturais. Essa passagem de conhecimento é fundamental para a continuidade da nossa cultura e a nossa identidade dos povos indígenas e, trazidas para a academia por pesquisadores(as) indígenas, têm o potencial de ensinar as sociedades não indígenas outras formas de relação entre humanos e não humanos e com o planeta, que ajudem a salvar a vida na Terra, diante de tantos desafios causados pela ação predatória e destrutiva humana.

Figura 8: Seres viventes não humanos, animais, encantados que se espalham pelos dois lados do rio, espiritualidade indígena, Bem-Viver, vida harmoniosa com o planeta e todos os seres vivos



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

O rio ao mesmo tempo representa limites, limite entre o mundo físico e o mundo espiritual, do bem viver e do mal viver da humanidade na Terra e dos conhecimentos ancestrais indígenas e os conhecimentos ocidentais de origem europeia, mas também significa o encontro, em que tudo caminha para a integração dos mundos, dos saberes e dos modos de vida que cada povo segue ou pratica, em suas epistemologias não dicotômicas da realidade. Assim, tudo está interligado, de forma que como a saúde física pessoal é vista pelos não indígenas, sob a perspectiva do bem viver e da espiritualidade dos povos originários, a saúde da Terra deve ser tratada com tanto ou mais cuidado, pois somos parte dela. O contrário também é verídico, não ter saúde ou não ser saudável é consequência do mal viver individual ou coletivo e, logo, seremos atrofiados espiritualmente e doentes. No tehêy desenhamos o Bem-Viver com seres vivos e natureza em harmonia, diferentes animais representando a diversidade da vida e os seres espirituais.

Figura 9: NALDEIA como acolhimento, abraço, diversidade, confraternização, três pessoas representando indígenas do NALDEIA na Pós-graduação



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

O NALDEIA veio com a proposta de aldear a pós-graduação da UFSCar e assim poder pintá-la de jenipapo, urucum e barro branco, esse colorido se estende para além dos indígenas que em parceria e com apoio dos não indígenas, encontramos o fortalecimento para uma ecologia de saberes, partilhas, trocas e interculturalidade dentro do grupo de pesquisa. Essa ideia de diversidade, acolhimento e respeito, presente em tantos relatos sobre as vivências no NALDEIA e nas relações milenares entre os povos indígenas, é sinalizada no tehêy com as três figuras diferentes de mãos dadas sob uma árvore com galhos diferentes que forma a sua copa. Também desenhamos alimentos em um cesto ou peneira indígena, chamado suowá em Tukano, lembrando o lanche comunitário que ocorre nos encontros do grupo de pesquisa, trazidos e compartilhados por todos(as) que simboliza esse acolhimento, abraço e confraternização também bastante citados.

Figura 10: Abiayala e Pindorama, decolonização, de onde falamos, terra dos povos indígenas, retomada do território físico e acadêmico



Fonte: arquivo dos(as) autores(as)

O caráter decolonial e decolinizante dos estudos, debates e pesquisas desenvolvidos no NALDEIA também foi citado nos relatos e é representado pelo mapa invertido (para que fique acima pois é de onde falamos) de Abiayala, nome em kuna para o continente americano, mais especificamente sua porção sul, que significa terra madura, e nela cresce uma árvore repleta de frutos de urucum, usado por muitos povos indígenas para pintura corporal ou de suas artes, como o povo Pankararu nos trajes de palha de seus Praiás. Também desenhamos a nossa querida Pindorama, nome tupi para o território chamado brasileiro, que quer dizer Terra das Palmeiras, que estão ali presentes. Queremos com isso bradar como os(as) estudantes indígenas em suas manifestações: “Os povos originários de Pindorama estão cansados de ser cota no Brasil colonizado!”. No NALDEIA, como muitos(as) relataram, as nossas ações e produções são para aldear a universidade e o meio acadêmico, apoiando as lutas históricas indígenas.

Por fim, o presente texto sendo uma produção de pesquisadores(as) indígenas e não indígenas, usando a metodologia indígena do Tehêy pela primeira vez como metodologia principal de um artigo científico e trazendo relatos das vivências de seus(suas) integrantes, torna-se por si um trabalho de resistência, gerando um fruto intercultural, com sete povos indígenas representados: Atikum, Baniwa, Desana, Pankararu, Pataxó, Tukano e Wassú-Cocal; e multidisciplinar, com estudantes e profissionais, graduandos(as), mestrandas, doutoranda e doutorado de dez áreas: biblioteconomia, ciências biológicas, educação especial, educação física,

filosofia, fisioterapia, gestão ambiental, letras, pedagogia e psicologia, articulados(as) pelo grupo de pesquisa NALDEIA que, como revelou a pesquisa, é pautado na ancestralidade, oralidade, diálogo, troca, diversidade e acolhimento mútuo.

Ao debatermos conhecimentos ancestrais dos povos indígenas de Abiayala, conhecimentos milenares dos povos negros e conhecimentos de origem europeia, estamos promovendo o diálogo e a integração de povos e de conhecimentos, separadas antes por ideologias e perspectivas abissais e dicotômicas, contribuindo para a abertura de novos caminhos, a retomada de territórios físicos e simbólicos, e a conquista do espaço acadêmico, com protagonismo de pesquisadores indígenas, fazendo com que o pesquisar por e com indígenas, se torne oportunidade inadiável de aprender a valorizar a vida, toda vida, como bem mais precioso.

Referências bibliográfica

AQUINO PEREIRA, Marcos José de et al. **Processos Educativos do Centro de Culturas Indígenas**: indiagem, acolhimento, desafio e conquista na Universidade Federal de São Carlos. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal de São Carlos, 2022.

AQUINO PEREIRA, Marcos José de; DESSANO, Anacleide Assunção Costa Aguiar; PATAXÓ, Jocimara Braz de Araújo; PANKARARU, Pedro Manoel da Silva Santos; BANIWA, Ivanildo da Silva Ferreira; ATIKUM, Josineide Jacilda da Silva (Vanessa Atikum). **Coletivos e estudantes/pesquisadores(as) indígenas aldeando a Universidade Federal de São Carlos.** Revista Ñanduty, 2024 - no prelo.

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. LACED/Museu Nacional, 2006.

BANIWA, Gersem José dos Santos Luciano. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BRASIL. **Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 30 ago. 2012.

BRAZ PATAXOOP, Txahá Alves. **O saber matemático nas vivências cotidianas da aldeia Muã Mimatxi**. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação Intercultural para Educadores Indígenas habilitação em Matemática), Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG), Belo Horizonte, 2018.

BRAZ PATAXOOP, Werymehe Alves. **Tehêy de pescaria de conhecimento**. Percurso Acadêmico (Formação Intercultural para Educadores Indígenas habilitação em Ciências da Vida e da Natureza), Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG), Belo Horizonte, 2019.

CADENA, Mirasol. Cosmopolítica nos Andes. Reflexões conceituais para além da política. **Maloca Revista de Estudos Indígenas**. Campinas, v. 2 , p. 1 - 37, 2019.

CEPAL. FILAC. FF. **Los Pueblos Indígenas de América Latina- Abya Yala y la Agenda 2030 para el desarrollo sostenible. Tensiones y desafíos desde una perspectiva territorial.** 2020. Disponível em: <https://www.cepal.org/es/publicaciones/45664-pueblos-indigenas-america-latina-abya-yala-la agenda-2030-desarrollo-sostenible>. Acesso em: 01 jun. 2024.

CHOQUEHUANCA, David. Hacia la reconstrucción del Vivir Bien. **América Latina en Movimiento**, ALAI, n. 452, p. 6-13, 2010.

CNPQ. **Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil**, 2024. Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2811267514270615#linhaPesquisa> Acesso em: 1 jun. 2024.

CRUTZEN, Paul. The Anthropocene". In: EHLERS, Eckart; KRAFFT, Thomas. (Orgs.). **Earth System Sciencie in the Anthropocene**. Berling: Springer, p.13-18, 2006.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Literatura indígena da oralidade à memória escrita.** In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.). Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Editora Fi, p. 39-44, 2017.

_____. **O lugar do saber**. São Leopoldo: Casa Leiria, 2020.

FILAC. **Visión y Aportes de los Pueblos Indígenas del Abya Yala al Consenso de Montevideo a 10 años de su adopción**. Fondo para el Desarrollo de los Pueblos Indígenas de América Latina y El Caribe. Nov, 2023. Disponível em: <https://celade.cepal.org/documentos/plataforma/Update/RecursosDifusion/Vision%20y%20aportes%20de%20pueblos%20indigenas%20al%20CMPD%20a%2010%20a%C3%B1os.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2024.

GRAÚNA, Graça. Poema. In: RIBEIRO, Esmeralda. BARBOSA, Márcio (org.). **Cadernos Negros,** v. 29: poemas afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, p. 119-126, 2006.

IANNI, Octavio. **A questão nacional na América Latina.** Estudos Avançados, v. 2, n. 1, p. 5–40, jan 1988.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2022**: **indígenas: primeiros resultados do universo: segunda apuração.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/media/com_catalogo/images/icone_download.gif>. Acesso em: 1 jun.2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Sinopse Estatística da Educação Superior 2012**. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2012.zip>. Acesso em: 1 jun. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). Sinopse Estatística da Educação Superior 2022. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_educacao_superior/sinopse_educacao_superior_2022.zip>. Acesso em: 1 jun. 2024.

KRENAK, Ailton. **O movimento indígena e a Constituição de 1988.** In: COHN, Sergio (Org.). Encontros: Ailton Krenak. Rio de Janeiro: Azougue, p.216-227, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A Terra pode nos deixar para trás e seguir o seu caminho**.[Entrevista concedida à] Anna Ortega. Jornal da Universidade. UFRGS, 12 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/ailton-krenak-a-terra-pode-nos-deixar-para-tras-e-seguir-o-seu-caminho/>. Acesso em: 31 mai. 2022.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem-viver**. [e-book on-line], 2020. Disponível em: <http://www.culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2024.

JODAS, Juliana. **A luta também é com a caneta: Usos e sentidos da universidade para estudantes indígenas.** 266f. Tese. (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2019.

MACAS, Luis. El sumak kawsay. **Revista Yachaykuna**, Quito, Ecuador, Instituto Científico de Culturas Indigenas (ICCI), n. 13, p. 13-39, jun, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**, 2008. Disponível em: http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena. Acesso em: 1 jun. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Das coisas que aprendi**: ensaios sobre o bem-viver. 2. ed. Lorena: DM Projetos Especiais, 2019.

PATAXOOP, Dona Liça. Tehêy. [Entrevista concedida a] Marcos José de Aquino Pereira e Jocimara Alves Braz Pataxó. Locução de: Thales Alves Robson Amaral da Silva. Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana. **Podcast Café com Esperança**. Spotify, 10 set. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/4LJAmQF4CLqQfM4K9nnEzr?si=ct4p_CTxRkCIqyAMlT_yrg&utm_source=whatsapp>. Acesso em: 2 jun. 2024.

SECRETARIA DE MODALIDADES ESPECIALIZADAS DE EDUCAÇÃO (SEMESP). **Alunos declarados indígenas no ensino superior aumentam 374%**, 2023. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/noticias/alunos-declarados-indigenas-no-ensino-superior-aumentam-374/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando Metodologias**: Pesquisa e Povos Indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

STENGERS, Isabelle. **Cosmopolitics I**. The science Wars. London: University of Minnesota Press, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. **Revista Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

Recebido em: 15/06/2024 * Aprovado em: 22/07/2024 * Publicado em: 31/08/2024
